

# Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

**ASSIGNATURA**

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino acresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

**DIRECTOR E RESPONSÁVEL**

M. GOMES DIAS

**PUBLICAÇÕES**

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 13 de dezembro

**Pavonadas inconvenientes**

Resolveu o *prestigioso chefe* chamar os influentes progressistas das cidades, villas e aldeias, a uma reunião magna, na qual se decida qual a attitude do seu partido em face da dissolução das côrtes.

Mas não os chamou a consulta sobre a tramoia, a *Leixoadá*, as concessões em *Africa*, a cedencia aos jesuitas das egrejas do padroado na India, nas conversões e emprestimos enormes, sobre o porto de Lisboa, sobre a criação de tres mil empregos, nem sobre outros escandalos que engrossaram o *deficit*.

Chama-os agora sobre a dissolução das camaras, sobre o que não podem ter voto.

Mas promover assim manifestações publicas contra um acto legitimo e privativo da corôa, e indiscutivel, é uma offensa ao systema constitucional, muito condemnavel, e muito inconveniente n'um partido monarchico, e muito mais no seu chefe.

Nunca se pôde dizer, que não é liberal o recorrer ao voto popular, antes, que o é sempre, e por isso ameaçar com se passarem para os re-

publicanos é o maior dos contrasensos.

Dizer, que os ministros actuaes são os coveiros das instituições e atacarem as prerogativas do soberano, fazerem alianças com os adversarios da monarchia, arrotarem ameaças de se unirem com elles, é muito proprio dos progressistas, e da sua isenção, e do seu zelo pelo bem do paiz em face dos exemplos que nos dá a republica do Brazil.

Chamam á dissolução um attentado, o que é ridiculo—mas não foi um crime—dissolverem as camaras em 1879—depois da solemne affirmativa do sr. Braamcamp, em sentido contrario.

Não foi um crime dissolverem em 1886, e em *dictadura*, as côrtes, as juntas geraes e as camaras concelhias—alterando a sua constituição, e assim constituídos anormalmente elegerem os pares do reino, e com estes pares illegitimos funcionar o parlamento, e até legalisar com elles os actos do governo, e a sua propria eleição!!!

Isto não é um attentado!

Mas a nota saliente é a nota comica, a que resalta nas simphonias do *Correio da Noite*.

Ouçam:

«O governo procurou cor-

romper o chefe do partido progressista.

Pois bem—o nosso chefe tudo recusou e tudo recusará—e preferiu ser vencido com a constituição e com os principios liberaes.»

A constituição, que elle ataca, atacando as attribuições do rei.

Os principios liberaes, que contradiz, não querendo que se consulte o paiz, o que é sempre liberal.

Magnifico!

«Caturrices de um velho e tonto democrata, dos tempos em que o regimen constitucional era uma coisa séria»—assim continua a aria do *Correio da Noite*.

Este velho e tonto democrata tem pilhas de sal.

Estas caturrices, que querem dizer insistencias de um espirito convicto e sincero nos principios puros do systema representativo, são comicas a ponto de que não se descreve o ridiculo que encerram!

Eis ahi o remate da caricatura do chefe.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

**Sentenças e despachos do sr. juiz Carneiro e Salgado**

VII

**Causa crime**

Um quidam denunciou em juizo, que Francisco d'Oliveira

Granja (homem na sua humilde condição honrado e brioso, e por isso digno d'estima, o que muitos não merecem) durante o *mez de setembro* d'este anno, emquanto ia distribuindo o jornal o *Primeiro de Janeiro*, se referiu por vezes á camara d'Ovar com *expressões* offensivas, e chamava o *povo á revolta*.

A hypothese mais favoravel á accusação é que as palavras ouvidas ao arguido pelas testemunhas em *dias e logares diversos* se ligam, e que assim dão motivo a uma promoção qualquer.

Que dizem ellas?

I.º

**O corpo de delicto**

A 1.ª testemunha diz, que ouviu—*vá vender o que é do pae e da mãe, não venda o que é nosso*—e directamente a um Piccado, vogal da camara municipal—*você vota pela codêa*.

Aqui ha um facto, «a venda do que é nosso», vagamente indicado e que se imputa a um individuo seja quem for—e não a uma corporação, á camara por exemplo, porque esta não tem *pae nem mãe*.

E ha uma phrase—*você vota pela codêa*—*individualmente* dirigida a um vogal da camara—e portanto só este era competente para accusal-a em juizo. Artigos 416.º e 182.º do codigo penal.

A 2.ª testemunha—diz, que em *setembro* o arguido fallando para uns pescadores observava «—não é agora a occasião de ir para festas—mas para o monte a fim de obstemem a que se venda a matta».

Aqui ha um *facto determinado*, a *venda da matta*.

A 3.ª—diz, que *ouvira* «vá vender o que é do pae e da mãe e não venda o que é nosso» e depois de uma pausa de tres minutos, esta palavra solta *«ladrões»*.

A 4.ª—diz, que *lhe parece*—referir-se o arguido ao Fragateiro—quando dizia *«venda o que é do pae e da mãe.»*

As testemunhas juram factos, e não supposições, nem induções—portanto nada vale a supposição de que o arguido se referia ao Fragateiro, e quando valesse, mais se accentuava, que as palavras incriminadas se referiam *individualmente a um vogal da camara* e n'este caso só este tambem era competente para accusal-as, segundo o artigo 416.º

Resta-nos só o segundo depoimento para d'elle inferirmos, se foi á camara, que o arguido se referiu.

Vejamos. Em setembro, estavam feitas ha mezes as vendas da camara.

Como é que o arguido podia aconsellar os pescadores a que fossem no monte impedir essas vendas?

E' irracional, e absurdo ridiculo.

N'este tempo, no monte, quem vendia, quem cortava os pinheiros, eram os arrematantes, entre os quaes ha alguns illegitimos como os guardas da camara, o mestre d'obras, e ainda outros, que brevemente talvez se apurem—quem vendia era o pae do vice-presidente, a quem o sr. padre Saborino comprou um conto de

para ouvir o que dizem aquelles dois entes felizes; ha-de ser interessante!

O que dizem? E' facil adivinhar; Roberto Venosti está por ora no campo, ajustam alguma entrevista.

Emquanto fallavam assim com esta *caridade*, Margarida dizia a Luciano:

—Não posso; já lh'o disse mil vezes, não sei trahir, nem fingir, nem mentir. Por quem é, Luciano, lembre-se de sua familia e dos seus deveres!

—Não me lembra nada, nem me quero lembrar; não posso aturar por mais tempo as torturas que me está infligindo, e amanhã, achando a porta de sua casa outra vez fechada, praticarei alguma inconveniencia...

—Não diga isso, prometta-me antes ter coragem!

(8) Folhetim da FOLHA D'OVAR

CONDESSA DE MONTEMERLI

**ENTRE DUAS MULHERES**

TRADUÇÃO DE

Jayme T. Cirne de Magalhães

IX

**A sociedade**

Em Florença a sociedade offerece os mais variados matizes que em todas as capitais da Europa se podem encontrar.

Tem o seu quê de magestoso essa cidade. Seduz os que teem amor ao bello, á poesia, á arte, ao estudo, e aos que sabem, no

meio de sitios encantadores, gosar as grandes recordações do passado. O litterato deve ter estado em Florença; o artista lá se vae inspirar, o rico ocioso divertir-se, e á mulher elegante é preciso um raio de sol florentino para lhe completar a reputação. O amor que foge de S. Petersbourg e Londres, procura com soffreguidão a sombra das «Cascines» para descansar. A chronica escandalosa deve ter uma hora de tagarellice no «Piazzate» este lindissimo passeio onde se fazem admirar as mais raras formosuras.

Florença deu asylo d'algumas horas ou d'alguns annos aos homens mais illustres. E' bella pelo seu presente e magestosa pelo seu passado; todos vem alli pedir recordações de Dante, de Miguel-Angele, de Gallileu, de Grotto e de Machiavel. Cada um procura em Florença uma lenda, uma inspiração, um entusiasmo, e vive-se lá

preso no encanto do que é sonho e realidade. N'esta terra a sociedade, que se compõe de elementos variadissimos, trata de todos os assumptos com liberdade e leviandade, e já começava a fallar-se bastante ácerca de Margarida e do conde Galareti. Uma noite, no passeio, dizia um sujeito encostado á portinhola d'uma carruagem:

—Vem além Margarida Venosti; muito pensativa parece ella!

—Sem duvida; é artista, está meditando no primeiro quadro que ha de dar á luz.

—Que estylo terá a obra?

—Será quadro de historia provavelmente.

—Algun assumpto da idade media então?

—Nada, minhas senhoras, alguma coisa d'actualidade; não de vêr; sei qual é o heroe... e eil-o que chega mesmo a proposito.

—Que quer dizer! Está caçoando.

—Não caço, o verdadeiro heroe vae cumprimental-a, olhem para isso, e digam-me o que lhes parece.

O conde Galareti acabava de chegar a cavallo e a trete largo; ao approximar-se de Margarida apeiou-se, e correu para ella.

—O conde está-se tornando mais sympathico, diz-lhe muito bem o amor.

—E' verdade,—respondeu uma das senhoras;—e Margarida tambem se fez mais bonita!

—Esperou muito tempo para nos dar o gosto de fallar a seu respeito, até já lhe tinha perdido as esperanças; ainda bem que emendou a mão; mais vale tarde que nunca!

—Sempre tem bem má lingua! —disseram as senhoras, soltando uma risada.

—Não me censurem; tenho um presentimento que praticará doudices innumeradas! Dava alguma coisa

réis de bons pinheiros para o vigamento de um asylo, que anda construindo—como este digno ecclesiastico nos consta que jurou n'um auto administrativo.

Portanto era a esses que podia referir-se e não á camara, cujas arrematações ha muito que estavam realisadas.

2.º

## A Promoção

O sr. delegado promoveu contra Francisco de Oliveira Granja pelo crime d'injúria segundo o artigo 411.º—isto é por injúria dirigida a uma corporação que exerce auctoridade publica.

Mas se as phrases arguidas teem relação umas com outras, temos um *facto determinado— a venda da matta.*

E' ácerca d'este facto, que se dá a offensa, é a *venda da matta*, que se imputa, como não sendo legitima, ou censuravel.

Portanto:

1.º O crime está mal classificado na promoção, é diffamação e não injúria, está incurso no artio 4075.º

2.º A offensa, se realmente se deu, não foi dirigida á camara.

3.º N'este caso a acção publica é incompetente—o delegado é parte illegitima. Artigos 416.º e 182.º

4.º Sendo diffamação o supposto crime e não injúria, visto que se tratava d'um acto determinado, *segundo a promoção relativo ás funções camarasarias*, era admissivel a prova. Artigo 408. N.º 1.º e § unico. E classificado o crime como injúria, não a admite, o que prejudicou a defeza completamente.

3.º

## Reparos

Não nos admira que o sr. delegado, um rapaz com poucos annos de exercicio, errasse promovendo, sem que lhe compita, e na classificação do crime, mas espanta, que o sr. Carneiro e Salgado com cabellos brancos, lhe deferisse.—E' o que espanta.

Os erros são enormes como se vê.

## O Julgamento

O reu oppôz contradictas ás testemunhas da accusação como dependentes da camara—e estas as confessaram. As testemunhas da defeza juraram, que o réo não chamára nunca ladrões a esses *individuos não designados* nas palavras, que se incriminam—nem portanto que offendera a camara.

O juiz condemnou o supposto réo a vinte dias de cadeia.

Com que prova?

O facto de dizer — *vá vender* o que é do pae e da mãe, não venda o que é nosso— não é offensivo.

A palavra *ladrões*, depois de uma *pausa* não se pode julgar, que na verdade se ligava áquellas phrases.

E quando assim fosse, credito algum merecia uma só testemunha, que é um salariado da camara contra tantas que affirmam o contrario.

E a quem era que o arguido se referia?

Quando é que declarou o seu nome?

O sr. Carneiro exigiu fiança!!!!

Condemnando sem prova, to-

lhendo a defeza na errada classificação do supposto crime, ainda exigir fiança—n'um caso de *simples injúria*—como o julgou, é um phenomeno.

Esperamos do tribunal superior, que não deixe vigorar este monstruoso julgamento.

Basta—respeitemos a lei da imprensa.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

## CONFRONTOS

XLVIII

## Carga d'Ossos

«Tudo passa. As reminiscencias evolvem-se da memoria dos homens, e é preciso que eu lh'as recorde a cada momento. O ouro corrompe, o ouro faz esquecer tudo. Admira-se o farsario que passeia ovante por entre a multidão ignara que occulta os vestigios do crime. Mas quando o observador faz sobre elle recahir o escarpello, quando o exame é mais demorado, os fincos do rosto apparecem vividos, e esses fincos são o ferrete da ignominia que o Omnipotente gravou na fronte do culpado.

*Nunca esperava que o Carga d'Ossos, esse ente vil que nasceu no monturo, que viveu do crime, que se locupletou com o roubo, que passou dinheiro falso, que pretendeu assassinar, que esburga alguns reaes nas medidas da palha e fava, fosse esquecido tão depressa.*

As suas emprezas eram bem conhecidas: os suas operações bem combinadas, e d'ellas todo o povo teve conhecimento.

Comtudo as libras falsas vindas d'Elvas converteram-se em bom ouro, e este corrompe tudo.

Só eu não corrompo. Só a mim me não intimidam as ameaças do *Carga d'Ossos*. Elle que chegou a prometter 6 contos para me fazerem calar, recuou nos seus projectos, como quando a navalha d'um seu visinho e collega enterrando-se-lhe n'uma perna o fez recuar quando tentava assassinar esse seu visinho.

*O Carga d'Ossos como todos os criminosos é um cobarde. Com o dinheiro falso alliciou um bando de miseraveis que o protegem, insultando, que protestam fazel-o vingar, apenas para terem parte no monte d'ouro que foi arranjado com as libras falsas vindas d'Elvas.*

*Carga d'Ossos, elles exploram-te, gosam á custa do que tens roubado: elles, eternas sanguessugas serão capazes de te comer o que te custou tantos sacrificios, tantos receios de seres preso. Lembra-te d'aquellas celebres noites em que eras obrigado a montar na egua e percorrer os areaes desertos até chegar a Pardilhó. Lembra-te de que então podias ser apanhado pela justiça, e havias de expiar na cadeia os teus crimes. Foste então feliz porque o desgraçado de Pardilhó pagou por ti.*

Talvez hoje não succedesse o mesmo! Lembra-te de que os tempos estão mudados, e é necessario teres mais cautela.

Deixa a canalha faminta e recolhe te a casa a contemplar o monte d'ouro que conseguiste accumular á custa dos roubos, de assassinatos e da passagem da moeda falsa. Demais, que te importa o fornecimento da palha e da fava? que te im-

porta roubar mais um pedaço dos maninhos municipaes? que te importa o esfollar os reaes?

Sucega, *Carga d'Ossos*, é ja tempo de deixares de commetter crimes. Foge porque a justiça algum dia ha-de vir reclamar o que desde ha muito lhe pertence para ser julgado.»

(Povo d'Ovar do heroe celebre, n.º 43.)

Mas porque se passaria o heroe?

## SECÇÃO LITTERARIA

## UM BANQUETE DE SELVAGENS

O australio quando uma baleia naufraga na costa, accende fogueiras nos altos para chamar os companheiros ao banquete.

Pouco a pouco vêm chegando homens, mulheres e crianças, dando gritos de alegria, com tregeitos e momices. Amontôam-se, pisam-se, precipitam-se; as crianças com o olhar acceso, insinuam-se de rastos por entre os joelhos dos paes; e n'um instante a montanha gordurosa apparece coalhada de gente, como o cadaver de um cão, inchado, cuspidos na praia pelo mar, coberto de moscas negras.

Ha um vago sussurro, um zumbir de masticação incessante. As banhas do cetáceo, em pastas molles, esbranquiçadas, correm, dissolvendo-se ao calor das fogueiras e da gente anciosa, faminta. Ha quedas e a pelle negra dos selvagens vê-se escorrendo uma gordura fétida, os cabellos estão enopados, as mãos, os braços tintos de sangue e de oleos.

Precipitam-se sobre a carcassa, com a bôcca e-cancarada, devoram ás dentadas, introduzindo a cabeça por entre as visceras quentes. A orgia dura dias e noites, sem cessar, enquanto dura a comida. Por fim o esqueleto apparece com os ossos nus e dentro das linhas do arcabouço, como cavernas de um navio, os que não dormem já bebados de comer, disputam em luctas os ultimos bocados de carne.— Ha cadaveres e sangue de homens misurado com as poças coaguladas do sangue e da gordura do cetáceo, ha vomitos e imundicie, ressonar de digestões difficeis, um fumo espesso das banhas ardendo nas fogueiras e um fétido nauseabundo de coizas pôdres.

Oliveira Martins.

## HARMONIAS

Ego dormio, et cor meum vigilat.  
(Cant. dos Canticos, v. 2.º)

Tu bebes para esquecer  
As maguas do coração,  
Mas elle é que não se esqueca,  
Como adormece a razão.

—Eu durmo, diz Salomão  
Mas durmo exhalando ais!  
Que o meu coração vigia...  
E sinto como sentia,  
Se ainda não sinto mais!—

Não é com vinho que extrahes,  
O veneno d'esse amor...  
Afogas o pensamento,  
E deixas o sentimento  
Sem equilibrio da dôr.

Taes nos faz o Creador  
Que sem a luz da razão  
Bem se reclina a cabeça;  
Mas embora ella adormeça,  
Vela sempre o coração.

João de Deus.

## NOTICIARIO

## Domingos Lobo

Passou alguns dias n'esta villa e hospedado em casa do digno recebe-lor da comarca, este bello e distincto môço, conhecido de ha muito pela classe illustrada da terra que professa por tão illustre hospede uma sympathia grande e merecida, pois elle é sempre de um trato fino, e d'uma lhaneza de character para todos com quem trata e que tanto o admiram.

Sentimos bastante a curta visita do sr. Lobo entre nós com quem passamos uma tarde alegre, embebidos na sua conversação agradável e ditos picarescos que é o seu forte. Partiu já para a capital; e nós que professamos tambem por este cavalheiro uma sympathia franca, fanatica, enviamos-lhe d'aqui as nossas despedidas acompanhadas de um affectuoso abraço.

Que Domingos Lobo visite esta terra, «sua predilecta» como lhe chama, frequentes vezes, tal é o nosso fervescete desejo.

## Real Theatro da Estrella

Mais um esplendido espectáculo n'este theatro, na sexta-feira passada, pela *troupe* do conhecido actor Henrique Prata.

A' hora annunciada abriu o espectáculo pela fina comedia *Um correio amoroso*, que correu bem e em que Sophia d'Oliveira, uma sopeira guapa, tirou o maior partido.

Pela mesma actriz, incontestavelmente uma actriz de muito merito e de muita fama, foi cantada bem e com graça a linda canção hespanhola *La Guitana*.

Nunes da Silva, o consummado artista, Carlos Flores e a garota da Sophia, impagaveis na zarzuela *Simão, Simões & C.*

Os dois actores caracterisados distinctamente, e a actriz cheia de vida e de graça, cantando primorosamente a walsa.

Muito applaudidos estes artistas.

*Um maniacos pela Gran-Via* não correu mal, mas não agradou muito.

Indisposição geral, ta'vez...

Todavia Nunes da Silva desempenhou bem o seu papel e principal.

A orchestra falheira, e nos *couplets* muito apressada. Questão de infelicidade...

\*

Hoje outro espectáculo pela mesma companhia, em beneficio da distincta actriz Sophia d'Oliveira, offerecido ao nosso publico, como testemunho de consideração como aqui tem sido recebida.

Pelo que nos refere o sr. Prata, o espectáculo é devêras variado e atrahente.

Vão á scena: a comedia ornada com musica, em um acto, *Uma boa lição*; cançoneta pela actriz beneficiada, *En-vou-lez-vouz*; *A Prima Aurora*, zarzuela em um acto; o monologo comico, *Fatalidades*, pelo actor Carlos Costa, e a applaudida opereta em um acto que a mesma companhia aqui levou, *Astucias d'uma actriz*.

Ora um espectáculo assim não se pode perder.

A companhia é boa, tem excellentes artistas como Nunes da Silva e Carlos Flores e actrices como Sophia d'Oliveira. Merecem pois o auxilio do nosso publico a quem lembramos o seu ultimo espectáculo, realisado, que deve ser, hoje.

Vamos, pois, vamos lá até ao theatro deliciar os ouvidos com a voz meiga e sã e afinada da Sophia,

os seus ditos burlescos e admirar mais uma vez o Nunes e o Carlos, aquelles dois comicos excellentes.

A's 8 horas em ponto rompe a musica, e depois... palmas e mais palmas, riso e mais riso.

## Notas ligeiras

Estiveram n'esta villa no domingo, o nosso presado amigo e digno tenente de artilheria, actualmente em Amarante, Bernardo Barbosa de Quadros, e o sr. dr. Augusto Barbosa.

—Teem passado incommodados: o nosso assignante e amigo, da rua da Oliveirinha, sr. João Gomes Leite, e Benjamim da Silva.

—Continua mais alliviado o nosso amigo José Ramos.

Do mal o menos.

—O sr. Manoel Ramos tambem tem estado doente, mas encontra-se já muito melhor, o que estimamos.

—O nosso fiel e valioso correligionario, sr. Manoel Joaquim Rodrigues, parece que tem passado soffrivelmente estes ultimos dias, tendo-se levantado na segunda-feira.

Do coração desejamos ver o nosso querido amigo entrar brevemente no periodo da convalescência.

—No domingo o nosso povinho baixo chegou a acreditar que se acabava o mundo por meio de um diluvio, vistas as grossas bategas d'agua que cahiram durante todo o dia!

Não que chover tanto, nunca vimos; mas tambem por isso não acreditamos em um diluvio.

—Muito lampeiro, mas sem graça nem geito, surgiu-nos affim o articulista-nephelibata da *Alvorada*.

A resposta vae na chronica; e louve-nos e honre-se ainda assim o *espirituoso* por lhe darmos cavaco.

A condescendencia foi-nos sempre fiel.

—Devido ao pessimo dia de domingo, a *troupe* portuense do actor Prata não deu o espectáculo annunciado para aquelle dia, em Azemeis.

—Tem estado enfermo o sr. dr. Almeida Vilhena, delegado do Procurador Regio n'esta comarca.

—Afinal, enganamos-nos. A feira de gado suino no largo da Estação terminou n'este ultimo domingo. Pouco concorrida.

—Mau tempo, muita chuva de dia e de noite no domingo; por isso foi pouco concorrida a reunião em casa do sr commendador Costa n'aquella noite.

—Parece que se realisa com grande pompa a festividade ao martyr S. Sebastião, na sua capella sita no mesmo largo, no dia 20 de janeiro proximo.

—Com uma valente constipação, tem estado ha bastantes dias de cama, o sr. João Rodrigues da Silva Nobia, digno professor n'esta villa.

—Andam por aqui as taes *bechigas* de que Deus nos livre. O sr. Joaquim, sapateiro, da rua do Pinheiro, está com ellas e em grande quantidade.

Parte amanhã para Aveiro a *troupe* dramatica portuense do actor sr. H. Prata, que alli vae dar dois espectaculos no sabbado e domingo proximos.

Pede-nos este sympathico artista que tornemos publico, em seu e em nome de todos os seus collegas, o seu grato reconhecimento para com os ovarenses de quem recebeu inequivocas provas de consideração e tantas attentões.

Satisfeito o seu pedido, por nosso lado agradecemos-lhe tambem a summa deferencia com que nos tratou, e desejamos-lhe bem como a todos os seus distinctos dirigidos, muitas felicidades, e que todos os annos visite o nosso bom povo.

—Quanto ganham o Lopes e o Ramada, quem lhes paga, e porque lei estão auctorisados aquelles empregos?

—Silva Cerveira foi ao Porto sortir-se da bella amendoa, precioso doce, genuino vinho, cartões e mais coisas que se consomem no Natal.

Prepara-te mocidade!

**Chronica do tribunal**

**Julgamento do «Suecco»**

Francisco d'Oliveira Granja,—o Suecco—respondeu segunda-feira em policia por ter, diz a participação do offendido, chamado ladrões aos homens da camara, que elles roubavam a Estrumada, etc.

O pobre Suecco, á cautela, pediu depoimentos escriptos. O julgamento correu bem; as testemunhas d'accusação, uma d'ellas bem conhecida porque presenciará todos os factos, assiste a todos os crimes, conhece o comportamento mau de todos os réos, que é testemunha em tudo, juraram nos Santos Evangelhos e prometteram dizer a verdade!

Não reproduzamos o que algumas disseram. O advogado de defesa, nosso distincto amigo sr. dr. José d'Almeida, pronunciou um discurso brilhante.

No fim o juiz condemnou o grande Suecco em 20 dias de prisão correccional, cinco dias de multa a 100 réis, custas e sellos.

O réo appellou, obrigando-o o julgador a prestar fiança.

Animo, Suecco!

**«Chorographia de Portugal»**

Dos 20 esplendidos mappas a côres com que é illustrada a *Chorographia de Portugal* do sr. Ferreira Deusdado, editada pelos srs. Guillard, Aillaud & C.<sup>as</sup>, são sete os destinados ás nossas provincias de Moçambique, India, Macau e Timor, havendo tres que se referem especialmente a Goa, Damão e India.

E' d'estes nossos dominios ultramarinos que a obra trata em ultimo lugar, sendo o texto acompanhado, além dos mappas, por excellentes gravuras representando animaes e typos indigenas d'essas possessões.

A *Chorographia de Portugal* do sr. Ferreira Deusdado é, pois, uma obra que vem figurar na estante de todos os estudiosos.

O seu preço é de 1\$000 réis, em qualquer livraria, ou na filial da casa Guillard, Aillaud & C.<sup>as</sup>, rua Aurea n.º 242, 1.º, Lisboa.

**«A Viuva Millionaria»**

Recebemos as cadernetas n.ºs 43 e 44 d'esta bella obra de Rechebourg, editada pelos srs. Belem & C.<sup>as</sup>, de Lisboa.

Agradecemos.

**«Cancioneiro de musicas populares»**

O poeta Castilho, quando quiz realisar o ideal do seu methodo repositivo de leitura—aprender cantando—não encontrou auxiliar mais poderoso do que a musica popular, facil, melodica e rhythmica; e assim é que, para ensinar ás creanças, e até aos adultos analphabets, o som e o valor das vogaes, não viu musica mais adequada do que a da modinha do *Pirolito*.

O o no fim da voz é mudo; Diz u em Pedro, estudo, O a no fim tem pouca força; Que o digam roseira e corça.

E assim introduziu a musica nas escolas infantis, ensino que a França, mais tarde, entendeu tornar obrigatorio, mesmo nas escolas primarias e normaes, o que ainda entre nós está longe de ser um facto.

Essa modinha singelissima, que parece uma futilidade, mas que o não é, como melodia popular, vem-a agora recolhida no fasciculo 7.º do *Cancioneiro* que já leva publicadas 47 musicas, justificando o plano traçado pelos seus pacientes e pertinazes colleccionadores, que mostram quanto é variada e encantadora a sua colheita.

N'este mesmo fasciculo deparamos com o famoso *Hymno do trabalho* de Castilho, que se popularizou com incrível rapidez, não só pela belleza do poema como pelo brilho da musica.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho E' riqueza, é virtude, é vigor; D'entre a orhestra da serra e do malho, Brotam vida, cidades, amor!

A canção transmontana *Dá-me os teus braços* é uma das mais eloquentes canções maviosas do nosso povo; algumas das strophes são verdadeiras joias do mais subido valor. Vejam esta:

Fechei na mão um sorriso Da tua bocca formosa; Quando fui a abrir a mão Tinha a toda côr de rosa.

Nos cantos populares de todos os povos predomina o amor, este mysterioso poder a que Torquato Tasso chamava a alma do mundo, porque é o amor e não o odio que impera no universo.

Inserer este fasciculo uma melodia açoriana, a canção das Furnas; e aviva-o ainda uma, porventura das mais cantaveis:

Sou marinheiro, Nasci no mar;

dolorida como a voz da saudade, gemente como o canto do mareante sobre as ondas:

D'aqui ao porto é bem longe, Não chegam lá meus sentidos.

Indubitavelmente o fasciculo 7 é um dos mais variados e interessantes.

Eis o sumario: «Pirolito», cantiga das ruas, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Portella Sobral.—«Hymno do Trabalho», oferecido á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Francisca do Carmo Leite dos Santos.—«Já não quero ser casado», canção, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Arminda da Gloria Lima.—«Sou marinheiro», choreographica, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Mollarinho Ramos.—«Dá-me os teus braços», choreographica, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina d'Abreu Magalhães.—«A despedida», canção das Furnas, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Thereza Soares da Cunha.—«Oh! Senhor Ladrão», choreographica, oferecida á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Augusta Marianna da Silva Tamegão.

«O Cancioneiro de musicas populares», cuja empresa tem a sua sede no Porto, rua de D. Pedro, 116, assigna-se e vende-se nas livrarias e armazens de musicas, custando 200 réis cada fasciculo de 12 paginas, com musica, letra e explicação de danças.

**Furadouro**

Terminou já, ao que parece, a safra n'esta praia, e terminou mal para todos, especialmente para o pescador.

Aquella praia está completamente despovoada. Tambem com o frio e chuva, e o mar bravo, só por penitencia é que lá se pôde estar!

**Leia-se...**

Do Povo d'Ovar n.º 37:

«Alguns cavalheiros d'esta villa constituiram-se em commissão para fazerem as solemnidades da Semana Santa.

Dizem que ao Soares foi dado um papel importante para desempenhar em sabbado de Alleluia.

Porque se passaria o Soares?»

Mais:

«O poder judicial do Porto mandou os manipuladores do tabaco para o India; porque será que o poder judicial não mandará o Soares para a Africa? Será porque o Soares se passou? Mas porque se passaria o heroe?»

O' Soares, dá cá o pé.»

Ainda mais:

«Está convocado em Lisboa um comicio importante para protestar contra o monopolio do tabaco. E não haverá quem lavre protesto contra o monopolio que fez o Soares das taes aspirações?»

Porque se passaria o Soares? Dizem que o Soares está em greve com o senso commum.

Porque se passaria o Soares?»

Agora nós:

Quem tem vergonha? Quem tem dignidade? Só isto, e basta.

**O heroe vendeu-se tres vezes. Porque se venderia o heroe?»**

**Suécadas**

(PARODIA)

Então, amigo *Fracisco*, sempre será certo que os recursos em materia crime tem effeito suspensivo? mesmo todos os aggravos de petição? e até os aggravos no auto do processo?

Ou dar-se-ha o caso, aliás tão frequente, de você o que escreve? Explique-se, mas não se espete mais.

Ha dias, conversando com um illustrado sacerdote do nosso concelho, o Fr. das Dores, dizia-me elle:

«Você por certo não conhece o modo como o *Fracisco* escreveu os Riscos e Escalpellandos no *Povo d'Ovar*. Tive occasião de apreciar os bem na questão dos *Xifras* no *Ovarense*, actualmente sob a sua direcção. O homem agarra em qualquer livro, lê e traduz em prosa barata a leitura, mas tão mal redigida que são uma série de disparates. Quer-se mostrar encyclopedico e no fim de contas são ridiculo como sempre tem sido, conseguindo apenas illudir os pescadores na sua tasca, pois elle tem — e confessa mesmo — o espirito de pescador!»

O nosso Fr. das Dores fazia uma critica perfeitamente justa; mas não conhecia uma das grandes habilidades do *Fracisco*, e é aquella que se expande em escriptos contra Carga d'Ossos, Berlengas, Placos & C.<sup>as</sup>

No resto estamos de accordo.

Se o homem até faz critica de musica sem conhecer coisa nenhuma d'essa arte, a menos que não tenha estudado com os pescadores, seus irmãos, aquella cantiga, á cordado mar:

Papagaio, gaio é, olé, olé!

Aperte as calças, sen doutor!

Sincero João.

**CHRONICA**

No domingo ultimo, como todos sabem, um dia aborrido pela muita chuva, que só terminou á noitinha, não sahi do meu catre, não fui ao Chiado, de manhã, fallar aos amigos, vêr as *pequerruchas* á sabida da missa de Santo Antonio, olhos no chão, pronunciando, voz baixa, os ultimos periodos do «Padre Nosso» pelas almas dos que dormem no cemiterio e dos que ainda para lá não foram. Eu aprecio devéras um passeio ao Chiado aos domingos.

Tudo alli corre a comprar generos alimenticios, negocios combinados para a semana que vae seguir, as *pequerruchas* nos estabelecimentos examinando rendas, chitas bonitas, modernas, para um *matinée* que deve ser visto no Natal proximo, o diabo emfim...

Depois, aquelles edylios á luz do dia, edylios da aldeia que chamam a minha attenção, pois vale a pena ouvir-se as phrases amorosas, batidas, que o Romeu e a Julieta empregam sempre!

Bate uma hora, o Chiado despovoa-se. Mas antes d'isso, vae o *high-life* á missa da Igreja matriz. Tambem costumo assistir á sabida dos devotos calaceiros: *pequerruchas* catitas frequentam aquella missa por muitas razões, sendo a primeira e principal mostrarem as suas vestes domingueiras, — uma saia de fazenda côr de cinza, ou castanha, ou preta, o *matinée* moderno, com mais fôlhos, um cordão de retroz pendido da pescocera, emfim mil coisas que desdoiram por completo a veste de maior lux da menina calaceira, calaceira porque não vae á missa da madrugada, porque está muito frio ou muita chuva, ou altamente constipada, e a briza da manhã, quando muito cêdo, faz mal á garganta, aos dentes, aos pés...

Ora quem vae ouvir missa ás 11 horas da manhã, deve apresentar-se, eu sei lá como?

Se é homem,—casaca, penante da moda, luva, bengalla de pau preto com ponta de prata, sapato bem feito, de cabedal fino ou verniz; e se é mulher,—a saia de fazenda melhor, livrinho doirado, lenço de setim, chinella—se vae de chinella—bem engraxada, a luzir muito, ou sapato de fivellas prateadas, atilhos verdes, muito verdes, meia fina, mas de lã pura, para evitar o frio d'agora que pôde constipar...

Tambem se admira,—e eu admiro—no meio do genuino *high life* apresentarem-se as velhotas de capotões que datam de Luiz XIV, enormes capotões, muito velhos, cobertor mais que sufficiente para quem está doente, precisa de muito resguardo, especialmente constipações originadas pelo frio de dentes, garganta e pés...

E a capucha, a tradicional capucha com que se cobrem tantas vareirinhas bonitinhas, fidalguinhas? Seria melhor a sua substituição pelo chaile barato que diz bem nas costas da gente moga, rasgando assim o vestuario immundo, feio, que nenhum prestimo pôde ter senão o de servir para tirar as panellas do fogão!

Vem tudo isto a proposito, eu não sei mesmo de que.

Já esqueci o que disse, perdi o fio da chronica.

Como comecei eu?

Ah! sim,—que no domingo passado fiquei em casa por causa da chuva grossa e demorada. Não pôdes, leitor, avaliar o meu desespero. Em casa e só, sempre chuva, ia até á janela, a rua deserta, um mal estar que me apouquentou bastante.

Perdi a manhã, isto é, o passeio

da praxe ao Chiado e o não menos bello passeio da tarde.

Ora assim passar um dia—cebollorio!

Fiz-me cêdo, por isso, entre lençoes, e depressa cerrei os olhos, depressa adormeci, somno que se prolongou até ás 8 da manhã seguinte, hora a que o correio arreMESSOU de má mente a correspondencia aonde veio a minha esperada *Alvorada*.

Conhecem a *Alvorada*?

Certamente que não. Pois é pena; não conhecem um localista de fama no tocante a nephelibatices e... (completar a phrase seria motivo de sobejo para um duello).

Além de nephelibata é um *espiritoso* sem imitação.

Pois o menino da menina *Alvorada* vem desembestar contra mim com uma prosa chula e, como sempre, a tresandar a nephelibatismo.

Arroga-se mestrel!

Eu perdôo-lhe a ignorancia...

Mas é realmente pena que a creança, o flexivel jornalista republicano de Azemeis (treme, monarchia local) tanto disparate imagine e o venha reflectir em publico, conscio de que amedronta o adversario, fal-o recuar, e depois, radiante e vaidoso, golfa aos seus leitores—«venci! e assim ninguém negará que tão cêdo vou-me elevando na constellação austral da popularidade illustrada!!!».

Illusões desmedidas, vaidades falsas...

Pois, minha flôr, meu amor, meu lindinho, meu *sabio*, escreve com nexo, não mistures alhos com bugalhos e cebollas com batatas, e vem então que me tens ás ordens.

Não te posso aturar assim; cobre-te, faze favor, e adeus.

«Que decadente e que ratão» é o mocinho da *Alvorada*!

Aspirações balofas de que, quem tem juizo, ri sempre.

Eu compadeço-me dos *sabios* assim.

Mas triste de quem se não conhece...

Jaime.

**ANNUNCIOS**

**Agradecimento**

A familia ausente e presente de Maria Emilia do Espirito Santo Soares Balreira, vem mais uma vez agradecer penhoradissima ás pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento de seu marido, pae, cunhado e sobrinho, Bernardo Soares Balreira, protestando a todos o seu eterno reconhecimento e pedindo desculpa d'alguma falta que, involuntariamente, se dêsse.

Ovar, 20 de novembro de 1893.

**CONVITE**

O abaixo assignado, querendo mandar celebrar no dia 18 do corrente, ás 9 horas, uma missa para suffragar a alma da sua sempre chorada filha, Rosa d'Oliveira Gomes Coelho, convida todas as pessoas das suas relações a assistirem áquelle religioso acto, e desde já agradece.

Ovar, 14 de dezembro de 1893.

Manoel José Ferreira Coelho.

**NOTAS DE EXPEDIÇÃO**

Para encomendas  
FEITAS PELA  
**COMPANHIA REAL**  
DOS

**Caminhos de Ferro Portuguezes**

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoáveis. Ha sempre grande deposito na

**NOVIDADE**

Chegou a cerveja **BOHEMIA** e **PRIMAVERA**.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

**PRAÇA.**

**MACHINA DE COSTURA**

Vende-se uma (Singer) em bom estado, propria para costureira ou alfaiate, por um preço rasoavel.

Para tratar—Joaquim Gomes da Silva, o **Merceneiro**.

**RUA DA PRAÇA**

**OVAR**

**CASA EDITORA**

DE

**GUILLARD, AILLAUD & C.<sup>a</sup>**

Rua Aurea, 242-1.<sup>o</sup>

**Manual do Carpinteiro e Marceneiro**

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marcenaria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

**As pessoas quebradas**

Com o uso por algum tempo do milagroso emplastro ANTEUPHELICO, se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

Preço da caixa 1\$800 réis. Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio.

**Molestias de pelle**

**POMADA STYRACINA**

Cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impigens, nodoas, borbulhas, comichão, dardros, herpes, lepra, panno, sardas e as feridas antigas.

Preço, 600 réis cada caixa. Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio a **Manoel Pinto Monteiro**, rua da Rosa, n.º 206—Lisboa.

**COPIOGRAFO**

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

**JÁ SE ACHAM Á VENDA****REPERTORIOS****ALMANACHS**

PARA 1894

DA ANTIGA LIVREARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada colleção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

**O SERINCADOR**

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feit'ceiras, **Propheta Universal**, **Novo amigo da verdade** e o **Pae Ambrosio de Suza** (O Preto)—**Borda Leça**, **Borda d'Agua**, **Borda Vinho**, **Borda d'Ouro**, **Astrologo Luzitano** e **Pedro Coutinho Velho**.

Para revender grandes descontos Deposito geral

**Imprensa Civilização, editora**

DE **MANOEL FERREIRA DE LEMOS**

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde podem ser dirigidos todos os pedidos.

**Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal**

Administrador—**Astier de Villate**, agronomo

**ADUBOS** para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc.

Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chlorreto de potassa, kainst, gesso, cal. Dóragens garantidas.

Enxofre em pedra e moído.

Enxofre com sulphato de cobre, contra o oidium e mildew

Este enxofre tem a côr azul devida ao sulphato de cobre. Exigir esta côr, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski.

Escriptorio, rua Formosa, 250—Porto.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

**E. Zagallo de Lima**—Praça, 63

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>—LISBOA

**A VIUVA MILLIONARIA**

ULTIMA PRODUÇÃO DE

**EMILE RICHEBOURG**

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

*Edição illustrada com bellos chromos e gravuras*

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca **EMILE RICHEBOURG** provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar lugar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A emprza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

*Brinde a todos os assignantes*

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

**Vista da Praça de D. Pedro**

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

*Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.*

**Condições d'assignatura:**

—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecelente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

**Imprensa Civilização**

DE

**MANOEL F. LEMOS**

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

**73, Largo da Pocinha, 77**

(R. de Santo Ildefonso)

**R. de Passos Manoel, 192**

**PORTO**

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

**BILHETES DE VISITA** a 160 e 200 réis o cento

**BILHETES DE RIFA** a preços baratos

**BILHETES DE LUTO** para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

**TEM A VENDA:**

**RELAÇÕES** que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

**LIVROS** para registo de hospedes.

**RELAÇÕES** de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

**TABELLAS** do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

**RECIBOS** para todas as Juntas de parochia (modelo official).

**ARRENDAMENTOS** para caseiros e senhorios.

**GUIAS** para acompanhar a correspondencia official ao correio.

**NOTAS** de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se **CARIMBOS DE BORRACHA** tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoáveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encomendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

**NOVIDADE**

Cerveja **DANUBIA** e **BOCK-BIRR**.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

**SILVA CERVEIRA**

**LOJA DO POVO**

**PRAÇA, 63—OVAR**

Imp. Civilização—Pocinha, 73-77